

BOLSAS	BOVESPA	C-BOND	DÓLAR	EURO	OURO	CDB	INFLAÇÃO	
Na segunda (em %) + 1,00 - 0,71	Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos) 22.870 22.869	Título da dívida externa brasileira, na segunda 0,98 (▲ 0,96%)	Comercial, venda, segunda-feira (em R\$) 2,946 (▼ 0,30%)	Últimas cotações (em R\$) 23/agosto 2,96 24/agosto 2,95 25/agosto 2,95 26/agosto 2,95 27/agosto 2,95	Turismo, venda (em R\$) 3,663 (Estável)	Onça troy na Comex de Nova York (em US\$) 405,00 (▲ 2,20%)	Prefeitura, 30 dias (em % ao ano) 15,89	IPCA do IBGE (em %) Março/2004 0,47 Abril/2004 0,41 Maio/2004 0,51 Junho/2004 0,71 Julho/2004 0,91

POLÍTICA ECONÔMICA

Mesmo com a taxa básica estável, as instituições financeiras aumentaram suas margens de lucro em julho. E, neste mês, subiram de 62% para 62,8% ao ano os juros cobrados nos empréstimos feitos às pessoas

Bancos cobram mais

157

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

Apesar da estabilidade de quatro meses da taxa básica de juros (Selic) e da queda do custo do dinheiro negociado entre as instituições financeiras, os bancos voltaram a ampliar as margens de lucro, o *spread* bancário, nos empréstimos concedidos a seus correntistas. Segundo o chefe do Departamento Econômico do Banco Central (BC), Altamir Lopes, o *spread* médio para pessoas físicas fechou julho com aumento de 0,3 ponto percentual, nos 45,3 pontos, interrompendo um processo de baixa iniciado há 14 meses. O *spread* elevado é hoje o principal entrave para o crescimento na demanda por crédito.

O aumento da margem de ganho dos bancos foi a primeira das más notícias que o BC divulgou ontem aos consumidores. Os juros finais incidentes sobre os financiamentos, que vinham em queda constante, também mudaram de rota. Na média dos primeiros 13 dias úteis de agosto, as taxas cobradas das pessoas físicas subiram para 62,8% ao ano, ante os 62% do encerramento de julho. Para as empresas, os juros médios passaram de 29,7% para 30,7% ao ano.

"Não será surpresa se os juros (*ao consumo e à produção*) continuarem subindo nos próximos meses", avisou Altamir. "Houve uma mudança de expectativas quanto aos rumos dos juros nos mercados futuros — usados como referência para a formação das taxas aos consumidores e às empresas. Portanto, está ocorrendo um ajuste natural dos juros para cima", assinalou. No entender do economista do BC, o mais importante é que, a despeito da recente alta, os juros estão nos menores níveis das séries estatísticas do BC.

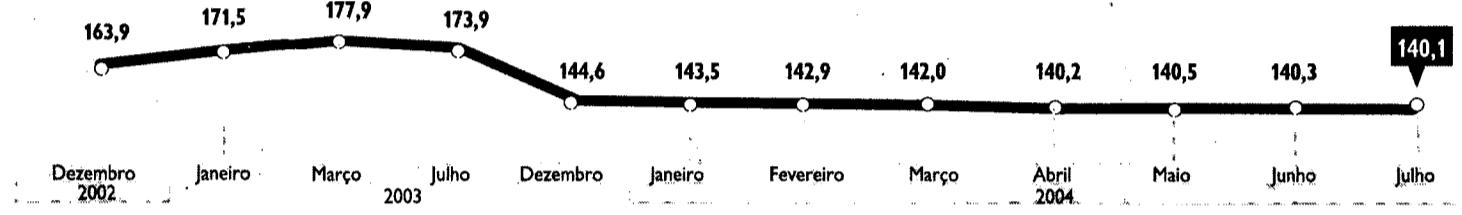
Folha de pagamento

Altamir chamou a atenção para a demanda crescente pelo crédito consignado, cujos descontos das prestações são feitos nas folhas de pagamento. O volume de recursos emprestados por meio dessa modalidade somou, no mês passado, R\$ 8,231 bilhões. "O crédito consignado está sendo usado pelas famílias como um caminho mais barato. É isso que está ajudando a derrubar a taxa final do crédito pessoal", explicou o economista. Pelas suas contas, os juros do crédito em folha estão

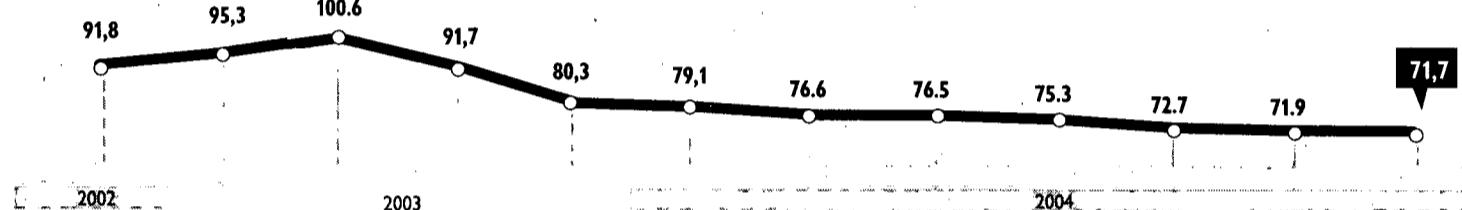
CUSTO ELEVADO

Os juros cobrados pelos bancos (Em % ao ano)

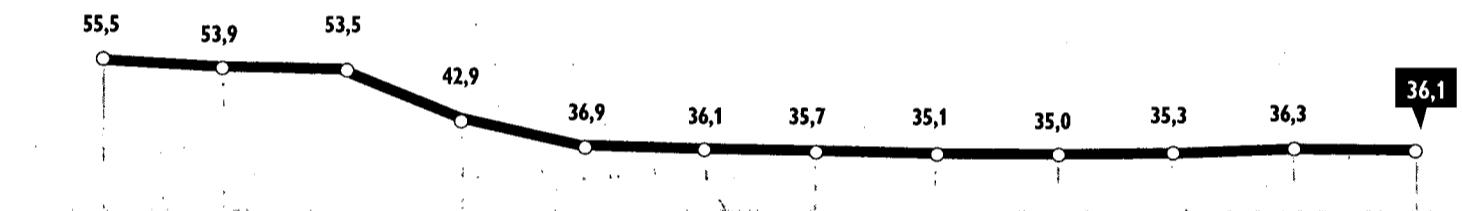
Cheque especial



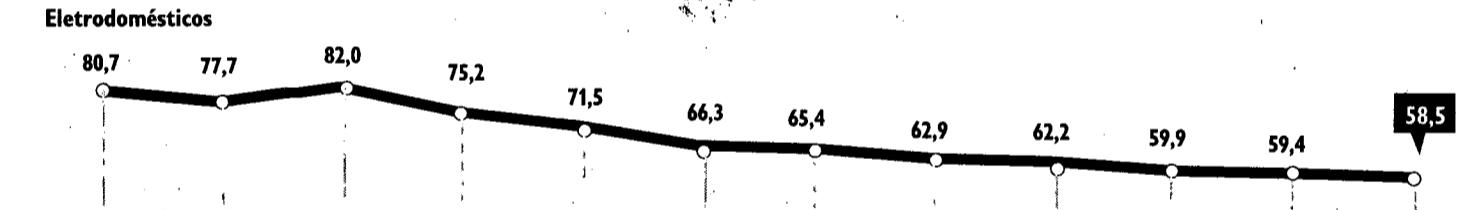
Crédito pessoal



Veículos

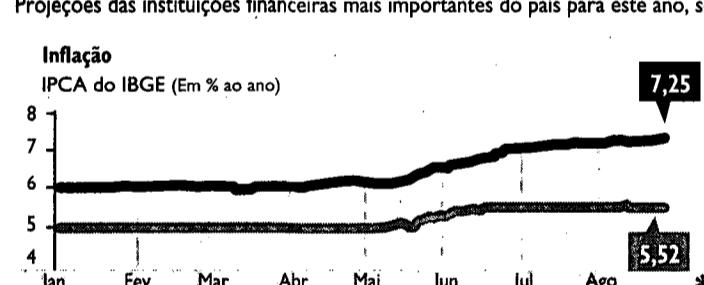


Eletrodomésticos



As previsões

Projeções das instituições financeiras mais importantes do país para este ano, segundo pesquisa feita pelo Banco Central



Câmbio

Cotação do dólar no final do ano



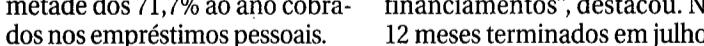
Produção

Crescimento anual do Produto Interno Bruto, PIB (Em % ao ano)



Juros

Taxa básica da economia, Selic, para dezembro (Em % ao ano)



Fonte: Banco Central * Período em que as projeções foram feitas

em 38,1% ao ano, pouco mais da metade dos 71,7% ao ano cobrados nos empréstimos pessoais.

Na avaliação de Altamir, com os juros um pouco mais altos, a tendência é de que a demanda por crédito se aqueça nos próximos meses. "Com certeza, não temos mais o crescimento forte

que víngamos detectando por financiamentos", destacou. Nos 12 meses terminados em julho, a concessão de empréstimos pelos bancos às pessoas físicas aumentou 23,4%. No ano, a expansão ficou em 15,5%. O saldo da dívida dos brasileiros bateu, no mês passado, em R\$ 101,8 bilhões.

Com a retomada da economia, a inadimplência (créditos em atraso) caiu para 7,1%, o nível mais baixo desde junho de 2001, e demanda por moeda pelo público aumentou 22,9% no acumulado dos últimos 12 meses. O saldo de recursos nas mãos da população chegou a R\$ 48,2 bi-

lhões. As reservas bancárias também cresceram: 16,6%, para R\$ 24,8 bilhões. "Não há, porém, motivos para preocupações. A demanda maior por moeda é reflexo do aquecimento da economia e não deve ser vista como uma pressão a mais sobre a inflação", assegurou Altamir.

Indústria forte

Para o economista Elson Teles, diretor da Fides Asset Management, a grande responsável pela forte alta do PIB no segundo trimestre foi a indústria, com expansão de quase 9% no período. O setor de serviços, segundo ele, registrou incremento de 1,6% e a agroindústria, de 4%. "Com isso, dá para apostar em crescimento de 4,6% do PIB no segundo trimestre", assinalou.

É importante ressaltar, no entanto, que a base de comparação será muito baixa — o PIB acumulado entre abril e junho do ano passado recuou 1,1%. E, segundo fontes do IBGE, é possível que os números do ano passado sejam divulgados hoje revisados, apontando resultados ainda piores. Pelas contas da economista Ana Paula Higa, o PIB do segundo trimestre cresceu 4,5% na comparação com o mesmo período de 2003. Para o ano todo, ela projeta expansão de 4,2%. (VN)